

# Revista de Antropofagia

Direção de ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

## C A R N I Ç A

Numa conferência há pouco realizada na Faculdade de Direito de São Paulo Baptista Pereira esguichou um pouco de Cruzwaldina na epidemia positivista que assolou e ainda hoje assola este país condoreiro. Pode parecer bobagem a gente ainda se preocupar com tal cousa. Pode parecer só: porque não é. Ninguém está claro vai se dar ao trabalho de combater o positivismo hoje em dia. Mas é preciso de uma vez por todas liquidar com esse cadáver que enterrado desde muito na Europa foi exumado por meia dúzia de fivelas e trazido para o Brasil onde continua empestando o ambiente.

Quási todas as tolices iniciais da República a gente deve aos austeros namorados póstumos de dona Clotilde. Assim como entre nós sujeito mal cheiroso é para todos os efeitos filósofo bastava alguém fazer parte da igrejainha Ordem e Progresso para ser considerado logo sábio, gênio, armazem de virtudes, torre de honestidade.

Não digo que se coma semelhante carne. E' cousa que já a cozinha refugou, o cachorro não quiz, os corvos não aceitaram protestando virar vegetarianos caso insistissem. Também deixar na dispensa envenenando as varejeiras não é possível.

Daí o melhor é pôr a carniça num tanque de creolina e recambia-la para a Europa. Com este bilhete: **Preferimos sardinha.** Que marca vocês querem? Amieux, Philippe & Canaud ou aquela de saudosa memória d. Pedro Fernandes inexplicavelmente desaparecida do mercado desde 1556?

ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO

## NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra

no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho

no meio do caminho tinha uma pedra.

(BELO-HORIZONTE)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“A BARBÁRIE DURA SÉCULOS. PARECE  
QUE SEJA ELA O NOSSO ELEMENTO: A  
RAZÃO E O BOM-GÔSTO NÃO FAZEM  
SENÃO PASSAR”

**D'ALEMBERT** - Discurso preliminar da **ENCICLOPÉDIA**

**BALCÃO**

A partir dêste número a **REVISTA DE ANTROPOFAGIA** publicará gratuitamente todo e qualquer anúncio de compra e venda de livros que lhe for enviado.

**LIVROS A' VENDA:**

Na Livraria Universal (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):  
— S. Leopoldo — **Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul** — 2.<sup>a</sup> ed.  
Monteiro Baena — **Compendio** — Pará.

**Nesta redacção:**

— Blaise Cendrars — **L'Eubage** — Com 5 gravuras de J. Hecht — 1.<sup>a</sup> ed. — ex. n. 698 — 1926 — preço: 15\$000.  
— Jean Cocteau — **Le grand écart** — 1924 — preço: 5\$000.  
— André Breton — **Les pas perdus** — 1924 — preço: 5\$000.

**LIVROS PROCURADOS:**

A Livraria Universal (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo) compra, pagando bom preço:  
— **Revista do Instituto Histórico Brasileiro** — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.  
— Roquette Pinto — **Rondonia**.  
— Ruy Barbosa — **Replica**.  
— Oliveira Lima — **D. João VI no Brasil** — 2 vs.  
Além disso, adquire bibliothecas.  
**Yan de Almeida Prado** (av. Brigadeiro Luiz Antonio n. 188 — S. Paulo) compra:  
— Balthasar da Silva Lisboa — **Annaes da Provincia do Rio de Janeiro** — em bom estado.  
— Mello Moraes — **Chorographia Historica** — 5 vs.

**Esta redacção compra:**

— Simão de Vasconcellos — **Vida de Joseph de Anchieta**.

**INDIFFERENÇA**

a Oswald de Andrade

Paris — Nova-York — Roma!  
Cabarets — correria de casarões — arte?

O sol de meu paiz tem os longos cabellos de ouro  
As palmeiras do meu paiz são verdes  
frutos amarellos

Nos troncos humidos das bananeiras  
vivem curiangos  
nas folhas molengas  
passeiam tatouranas cabelludas

Quintaes!  
Amarellos

Ouro sobre verde  
Verde e ouro sob azul

Sob as palmeiras do meu paiz  
meu pensamento  
busca sonhos  
como passos de namorados nas calçadas

O sol do meu paiz tem os longos cabellos de ouro

(BELO-HORIZONTE)

ACHILLES VIVACQUA

**Ja sahiu e custa  
6\$000**

**o novo livro de**

**ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO**

**LARANJA DA CHINA**

**Pedidos para**

**CAIXA POSTAL**

**N. 1.269**

**São Paulo**

## CONVITE AOS ANTROPOFAGOS

Meu caro António de Alcântara Machado.

Vocês não estão cumprindo bem os seus deveres de antropofagos. É verdade que você engoliu num átimo o dr. Fernando de Magalhães e que o nosso querido Mario, no espaço de uma só manhã, deglutiu perfeitamente Gandi, Lenin e Luis Carlos Prestes (com grande-nojo do Graça Aranha, que viu nesse *petit déjeuner* canibal uma escandalosa confusão de valores). Mas para a sanha de quem via vindo a nossa comida pulando, confesse que é pouca a aferração mental dos companheiros.

O jovem Antonio de Santa Engracia, redactor de sueltos no "Jornal do Brasil", tem razão: os antropofagos estão abusando da goiabada. O Brasil corre, neste momento de brasilidade modernista, o risco de degenerar em Republica de Pesqueira. Ora, eu apesar de pernambucano, não gosto muito da goiabada de Pesqueira: prefiro a de Campos que tem cascão. Admito a goiabada (como sobremesa), mas exijo o cascão.

Convem, outrossim, chamar a atenção para a dispepsia precoce de alguns curumins antropofagos. O Rosario Fusco,

por exemplo, meteu-se a devorar o Mario, não digeriu e revesou aquele

O meu amor, rapazes, que me embrulhou o estomago de uma vez. Assim não se pode comer!

Mas o principal assunto desta carta não é nada disso.



DESENHO de ROSARIO FUSCO de CATÁGUAZES

Eu queria apresentar aos antropofagos o dr. Arthur Imbassahy, autor deste pedaço de prosa estampado no "Jornal do Brasil" de 28 de junho:

"Carlo Zecchi é um pianista de tão diamantina tempera que chega a fazer supportar sem enfado e até mesmo a se ouvir com certo interesse aquellas duas extravagancias de Ravel:

— "Alvorada del Gracioso" e o "Jeux d'eau". Lamentara eu, entretanto, que o programma estivesse mesclado com aquelles productos de uma inspiração enfezada, nascidos exclusivamente do calculo, sem que por elles passassem os effluvios do coração, e cujo valor unico depende somente de um executante de brilho, dotado de uma technica como a do temido virtuose, sob cujos dedos aquellas paginas alcançaram um colorido que até este momento eu desconhecia."

O dr. Imbassahy é critico musical do "Jornal do Brasil". Há dez anos se bate pela aspiração de ver levantada a tampa dos pianos nos numeros de acompanhamento. Tem, como se vê, incontestavel competencia em assuntos musicais. Antropofagos, eu proponho a deglutição imediata do dr. Imbassahy!

Verdade que a carne é dura. Mas pode-se entregar o pior pedaço ao empresario Felicio Mastrangelo, que tem bons dentes, ar feroz e excelente estomago.

Seu, muito cordealmente,  
MANUEL BANDEIRA.

## 3 POETAS E 2 PROSADORES

RUY CIRNE LIMA — Colonia Z e outros poemas — Porto Alegre — 1928.

Acho que Ruy Cirne Lima faz versos como criança faz barquinhos de papel. Distrai, não irrita ninguém e chega mesmo a interessar a gente. A água da chuva leva os barquinhos. Pronto: desapareceram. De vez em quando um deles dá voltas divertidas, a gente torce — afunda! não afunda! —, vai pulando que é uma boniteza. Não sai mais da memória.

Paisagista simples da terra gaúcha o poeta detesta violências e alturas. Não se afasta do quotidiano sossegado, gosta que se regala dos quadrinhos inocentes. Não entusiasma os leitores. Mas os leitores lhe ficam querendo bem.

Madrugada (que esta revista dos meus pecados publicou no seu segundo número) é excelente: a melhor cousa do Colonia Z. Mas o livro tem outras cousas boas: Moleque, Negro velho, Canção dos pescadores, Lirismo. Os poemas são quasi todos assim:

A veneziana deixa entrar o sol e o vento cheio de perfumes frescos. As aves acordaram, no quintalejo.

Ha revoadas varando o azul. Ha marulhos de arroio nas folhas verdes.

O galo vae cantar.

As estilizações de Angelo Guido não me agradaram nem um pouco.

NICOLÁS FUSCO SAN-SONE — La trompeta de las voces alegres — Montevideo — 1925.

O livro é de três anos atrás. Mas como vem de fora pode ser considerada novidade aqui.

O poeta tinha dezenove anos quando o escreveu: diez y nueve trampolines de voluntad y de alegría diz Juan Parra del Riego num prefácio em que eu encontro frases que bem poderiam ter sido escritas por Graça Aranha. Porém isso não vem ao caso. O que importa é a maneira desenvolta com que o poeta solta sua poesia

como una bandera para que jueguen con ella el sol, el viento y el mar.

O livro tem mocidade até dizer chega: é exaltado, ágil, contente e barulhento. Está cheio de imagens, de arancos, de odes. Em todas as suas páginas há mar, há estrélas, há frutas, há manhãs, crianças correndo, pássaros voando. No meio de tudo isso Nicolás joga seu coração para que também pule

de vibrante ansiedad nueva hasta encontrar el canto más sano que renueva e impulsa la sangre y la vida en una carrera audaz.

Naturalmente esse febre a estas horas já deve ter baixado um tanto. Essa força ainda incontida no La trompeta de las voces alegres com certeza hoje em dia se poupa mais e tem assim maiores reservas de energia para proezas futuras. Seja como for poeta que começa dêse modo é certo que continue sempre

saltando todos los obstaculos del mundo

cual si fuera un travieso cabrito... Assim quicira Deus.

JULIO PATERNOSTRO — Olha o café! — São Paulo — 1928.

Diz Julio Paternostro apresentando seu primeiro livro: Gosto de ver as cousas sózinho sem me apontarem. Tem bom gosto. E é ótima regra para quem principia. Mas apesar da declaração a gente percebe o dedo de Ribeiro Couto mostrando ao autor as cousas ou algumas cousas que estão no Olha o café! Mostrando só. Sem descrever. O recheio é mesmo de Julio Paternostro.

E agrada. Mais de uma vez agrada bastante. Tarde começa assim:

Uma casa amarella está parada deixando as janellas pegarem fogo.

Assim acaba Zé Cabirão:

O sol vermelho apertava o morro que nem o lenço molhado que o Zé Cabirão tinha no pescoço...

Imagens e o mais do estilo não faltam no livro. Paternostro é brasileiro. Depois é mocinho. Com a idade dirá as cousas mais directamente. E deixará esse lugar-comum da nossa poesia actual (já censurado por Mario de Andrade): meninice. E outros lugares-comuns: circo de cavallinhos, cidadezinha do interior, preto velho, Brasil dos primeiros anos e assim por diante.

Das qualidades evidentes do poeta destaca esta: Julio Paternostro é malicioso. Vejam Escola e Bento Manuel Ribeiro. Reproduzo aquela:

Hoje houve casamento de gambá com raposa! E foi de tardezinha quando a guryzada sahia da Escola...

E as meninas e os meninos pareciam uma porção de letras a-e-i-o-u... dependuradas dansando nos fiozinhos de ouro do sol...

Tambem havia um guarda-chuva era... a professora!

Fiozinhos de ouro do sol e horrível. Mas há no resto qualquer cousa que enche a gente de esperança no futuro poético de Paternostro. De forma que eu acredito que essa e outras descaídas tenham o seu lado útil: tropeçando é que se aprende a andar (não reivindicado para mim a paternidade da frase).

A natureza-alegre de Paim compensa na capa a feiura do titulo.

DARCY AZAMBUJA — No galpão — 3.ª ed. — Porto Alegre — 1928.

Obra coroada pela Academia Brasileira de Letras. No entanto a gente pode abrir o livro sem medo. E' bom. Muito bom até. Seria ótimo se tivesse sido escrito mais ou menos pela época do Pedro Barqueiro de Afonso Arinos. Em todo o caso não atinguio ainda vinte edições porque nem todos os dias aparece um Rui Barbosa camarada.

São histórias puavas dos pagos do

gaúcho altanado. Cou cheiro de fléte suado, estrupicio de rôlo nos domingos vadios, riso do chinaredo cosquilhoso, lôgros contrabandistas nos guitás da fronteira.

Se o estilo fosse menos acadêmico e mais humano, se o autor escrevesse com o sabor que tem a fala de suas personagens, a maneira dêle fosse mais directa de forma que os contos saíssem da pena dêle e não da bôca de um palrador entre duas mordidas no matambre sangrento (como quasi sempre acontece no livro) e ainda houvesse mais novidade nos assuntos e menos adjectivos e anexos enfeitando os periodos, No galpão por mais de um motivo seria obra de se lhe tirar o chapéu.

Mas tal como é já marca a nankin o nome do autor. Darcy Azambuja tem a faca e o queijo na mão. O geito de cortar e servir a roda faminta é que decidirá de sua modernidade daqui para deante. E' bom no entanto indagar primeiro se êle faz questão de ser carimbado moderno.

ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO — Laranja da China — São Paulo — 1928.

Alcântara ganhou fama (ou cousa parecida) de gozador e de sêco desde o Pathé-Baby. Brás, Bexiga e Barra Funda não deu para desfazer essa fama (ou cousa e tal). Bom. Vamos ver agora o que dirão do Laranja da China. No fundo (desconfio muito) Alcântara não está fazendo questão de parecer sêco ou molhado, gozador ou sofredor. Além de ser e parecer quanto possível Alcântara acho que nada mais o preocupa.

Laranja da China tem um geito de catálogo brasileiro. E' uma imitaçãozinha de tipologia nacional. Isso não quer dizer que o desembargador Lamartine de Campos ou o guri Cicero Melo de Sá Ramos (para só citar dois) sejam produtos privilegiadamente indígenas. Lá fora também nascem. Mas acontece com êles o que acontece com o café: têm sabôr quando são daqui.

Dito isso está dito sobre as intenções do autor (se é que houve intenções). Querer descobrir mais não adianta nada. Principalmente tratando-se de histórias que podem ser tudo menos pretenciosas. O melhor portanto é aceitar o volume realizado sem procurar saber porque foi realizado assim e não assado. Depois quem publica libros trata primeiro de passar um pano nêle para enxugar o suor que custou.

O ponto de vista do autor desaparece impressa a obra se esta é de pura invenção. Gosto ou não gosto é ainda o modo mais certo da gente dar sua opinião em matéria de arte. Eu que acompanhei a construção do Laranja da China palavra por palavra não posso evidentemente separar o resultado — do caminho percorrido para chegar até êle. Meu juizo seria fatalmente parcial por várias razões de ordem afectiva: quem assistiu ao esforço aprecia o produto sempre em relação a êsse esforço.

Dirão que essa é justamente uma das funções da critica: desmanchar o brinquedo para ver o que tem dentro. Pode ser. Eu não entendo nada de critica.

A. DE A. M.

## COMIDAS

MARIO GRACIOTTI

O sr. Coelho Netto foi coroadado. Quem fez a bruta festança foi a redacção do Malho. Botaram na cabeça delle uma corôa. Dizem que é de principe. Tinha louros e espinhos cahindo pelas costas. Depois, encheram os pés com perfumes. E um sujeito grosso lascou uma falação virgulada, que ninguem entendeu.

Eu tive vontade de pegar no pescoço do Coelho Netto e botar elle no espeto. Para assar, feito churrasco. E comer. E dar a corôa de principe ao Ademar Tavares. Pra engordar mais o bicho.

Infelizmente, o Brasil teve um principe na prosa. Teve. Hoje, feito comida, elle está ahi. E foi votadissimo. Se foi. Aos milhares. Intensamente votado pelos mirins desta ter-

ra de palmeiras. Gosado mesmo.

Antes de comer a comida principesca:

"Meus irmãos. O dia de hoje é dia santo para as tabas. Tem carne de principe. Velha, mas não importa. Nós temos dentes de aço. E o fogo cozinhou que é uma boniteza. Pois bem, a gente comendo o Coelho Netto, sem allusão ao quadrupede velôz das mattarias, tem duas gostosuras: se enche a barriga e se presta um servição, deste tamanho, ás letras nacionaes. Ha sujeitos que tem só um destino: serem comidos. O nosso principe tinha esse, mas foi demorando, demorando, até que envelheceu. Mas, agora, está ahi, nuzinho, meio tostado, no espeto, quente que nem

um churrasco. Pra não desagradar a vista, mandei tirar os pelinhos brancos. Assim, a gente tem a impressão de coisa nova. E tudo o que é novo, inclusive carne, tem saborosa attracção.

Coroadado, tornou-se completamente inoffensivo. Comido, esse individuo, que andou fazendo muita malandragem em papel innocenté, não tem mais razão de ser. Felizmente, desse estamos livres. Enquanto fazemos a digestão do sr. Coelho Netto, vamos esperar que o Ademar engorde mais. Aquillo é outra comida. E das boas. Tem carne e bannha que não acaba mais. E ainda não tem coroas e espinhos pela cabeça."

Rapazes, podem trazer os palitos!

---

## A Revista de Antropofagia

publicará em seus proximos numeros trabalhos de:

**Mario de Andrade, A. C. Couto de Barros, Sergio Milliet, Augusto Meyer, Antonio Gomide, Henrique de Resende, Plinio Salgado, Cassiano Ricardo, José Americo de Almeida, Carlos D. de Andrade e outros.**

## SANGUE BRASILEIRO

As matas espessas eram noites escuras de breu  
com sacis cachimbando de cocoras.

Os tições dos olhos de braza das onças pintadas  
espreitavam por traz dos troncos das arvores.

Na beirinha dos rios as mães dagua traiçoeiras  
penteavam os cabelos verdes molhados.

E bulindo na treva um assombramento  
enchia de pavor os índios bravios.

Mas os homens de sangue azul saltaram das naus  
e pizaram o paiz encantado.

Um homem disse que a terra era boa  
e que o solo virgem daria de tudo.

E os descobridores guerreiros de sangue azulado  
misturaram seu sangue com o sangue  
preto dos negros retintos  
com o sangue vermelho  
dos homens vermelhos de bronze.

E do solo virgem da terra  
brotaram homens novos possantes  
com musculos de cordilheira  
e impetos violentos de luta no sangue assenhado de febre.

E eles desceram pelas serras e rios  
dominando quebrantos  
domando selvagens  
brigando com onças  
despertando sacis  
assustando mães dagua  
varando florestas cheirosas  
pulando cachoeiras saltos e quedas.

Íam jogando sementes na terra  
e da sola aspera de seus pés as cidades brotavam.

As mães dagua fugiram da beira das aguas  
e acabaram os feitiços e bruxedos da terra  
e o negrume negrinho das florestas escuras.

Só a mula sem caheça inda corria os caminhos...

E os homens novos ousados  
cruzaram os rios largos molengos  
e sonharam com pedras verdes numa serra encantada  
e com ouro nos riachos cantantes  
e com maravilhas no mato assombrado.

No sangue deles havia impetos violentos  
e seus musculos de cordilheira ansiavam lutas tremendas  
e o sangue deles quente impetuozo vibrante  
estuvava nas arterias com rios encachoeirados reprezos.

E o soi quente dos tropicos  
tornou vermelhinho esse sangue  
temperou a alma dos homens heroicos  
na fornalha escaldante da terra.

Alma selvajem de lutas aventuras encanto:  
sangue selvajem borbulhante nas veias.

Sangue dos desbravadores da terra verde da Amazonia  
sangue dos plantadores de ruas alinhadas de café  
nas terras roxas de Piratininga  
sangue dos cavaleiros dos pampas  
sangue dos cavaleiros heroicos das cavalhadas  
sangue dos vaqueiros das correrias no sertão enorme  
sangue herança dos negros dos borocotós  
sangue herança dos índios dos pajés e Cunhambebe  
sangue dos homens que não possuindo terras  
vieram arrancar-as do seio verde do mar.

Brasileiro!

Esse é teu sangue  
que circulou nas veias dos domadores de índios  
e dos bandeirantes sonhadores valentes  
e que estua que ruje nos nossos corpos amorenados pelo  
sol vermelho e quente  
que ha de vibrar nas arterias de nossos filhos  
para que eles possam continuar a obra imensa do dominio  
da terra  
— a epopéa da raça.

(CATAGUAZES)

ASCANIO LOPES

Brevemente:

**MACUNAÍMA**

(Historia)

de

**MARIO DE ANDRADE**

e

Antologia de 4 poetas mineiros

**JOAO ALPHONSUS**

**CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

**EMILIO MOURA**

**PEDRO NAVA**

LEIAM:

**MARTIM - CERERÊ** — versos de  
Cassiano Ricardo

**COLONIA Z** e outros poemas de  
Ruy Cirne Lima

**CANTO DO BRASILEIRO** — (poema)  
Augusto Frederico Schmidt

**NO GALPÃO** — contos de  
Darcy Azambuja

**POEMAS CRONOLOGICOS** — de  
Henrique de Rezende  
Rosario Fusco e  
Ascanio Lopes

# OS TRES SARGENTOS

(Episódio da revolução de 1924 em S. Paulo)

CAPITULO 1.º:

por  
YAN DE ALMEIDA PRADO

## O JARDIM PUBLICO

I

Em S. Paulo, na primeira semana de Julho de 1924, as noites aquecidas por prolongada estiagem assemelhavam-se ás da primavera. Favorecida pela temperatura, a correria grande afluencia ao Jardim da Luz na ultima vez em que a banda da Força Publica tocava antes da revolução. Em redor do lago central cruzavam-se operarios e soldados com mulheres de toda a casta, em que havia desde a menina das visinbanças acompanhada da familia até pretas empregadas em casas burguezas, que depois do trabalho vinham ali buscar amôres. Outras negras passeavam falando alto, mostrando aos homens o rosto enfarinhado de pó de arroz. Quedavam-se sob os reverberos da iluminação antiquada, numerosos soldados vindos dos quartéis circunvisinhos. Os que paravam debaixo das arvores ou sentavam nos bancos, eram os veteranos frequentadores do Jardim, que se contentavam em dirigir gracejos ás mulheres. Os novatos, pouco antes saídos do Corpo Escola, preferiam armar algazarra pelo caminho dando encontrões nas "tias" á guiza de divertimento. Algumas riam, outras zangavam-se revidando a offensa com palavrões de bordel gritados em voz aguda. Variava a intensidade do melindre pelo aspêto de quem o causava. Si o gaiato caía na simpatia da mulher, diminuiam os palavrões até se diluïrem num sorriso promissor; então, ao se depararem novamente no decurso do passeio á roda do tanque dos cisnes, aparentava a rapariga um resto de zanga para dizer "que não repetisse mais aquela estupidez". Fingia-se a principio ainda irritada, por fim abrandando até aceitar as propostas de passeio ou de bebidas que lhe faziam.

Fechava o Jardim depois dos numeros da banda. Escovava-se a multidão aos poucos pelos portões do parque, encbendo as calçadas proximas. Era o momento em que logo adeante, na avenida Tiradentes ou do lado das ruas da estação, iam se encontrar os que tinham compromisso para "depois da musica". O soldado parava á esquina, junto de um poste de bonde, á espera da conquista que fizera. A conquistada, vinha de braço dado com uma amiga para mostrar o conquistador, todo ancho na farda azul ferrete. Quando o militar percebia as mulheres, tufava a túnica ponteada de botões de metal, fazia tinir as esporas e rebrilhar as escamas do boné sob a luz das lampadas de arco. Despediam-se as amigas ao chegar á sua altura. Nesse momento ele travava o braço da que ficava, para

juntos seguirem em demanda de alguma casa de tolerancia situada em porão ou cortiço das redondezas.

O mulherio frequentado pela soldadesca, morava em quartos escassamente mobiliados, com as paredes forradas de fotografias de amantes. Eram do lugar, do Rio, ou de norte e sul do paiz, marujos, soldados da Brigada Policial, soldados do exercito, pessoal do Lóid, sós ou aos pares, muito serios, na melhor farda, no cenario do parque publico onde um fotografo economico lhes tirara o retrato. Alguns eram mais pródigos, tiravam fotografia num "Fotografo de verdade" como diziam. Pela parede havia morenos com cabelos corredios brilhantes como alcatrão a luzir, mulatos degenerados ou robustos; uns com a face rechupada, outros de rosto largo, ambos sensuaes; brancos loiros, castanhos ou ruivos sardentos, junto da inextricavel mixórdia de todas as côres e mâtizes do branco com preto, preto com indio, indio com mulato, onde as vezes surgia um tipo atlético. Tinham tambem as raparigas amantes pretos que davam retratos, mas que as envergonhavam. Escondiam essas fotografias, embora fossem menos rbarbativas do que as de muito portuguez, hespanhol ou italiano, desageitados no traje domingueiro que lhes apertava o pesçoço numa gravata amarrotada, e lhes cobria as mãos com as mangas do paletó.

A mobilia das mulheres era pretenciosa e miseravel. Sobre a cama a colcha pelintra, cheia de rendados e laçarotes, ocultava nódoas. Cobriam as cadeiras mancas, requifes de crochet semelhantes aos dos salões, em que as raparigas uma vez na vida tinham ensaiado trabalhar.

Pelo aposento corriam baratas das frestas da parede ao soalho disjunto e sujo. Os muros caiados de côres herantes, levavam flores complicadas onde havia sinal dos escarros dos "fretes". Enlaçavam o fio da lampada eléctrica rendados de papel enegrecidos pelo pó e pelas moscas. O quebra luz de setineta, estava rasgado ao meio, devido ao projétil que numa noite de briga o atingira.

Muitas das mulheres tinham vindo a pé do Nordeste, no meio de trabalhadores que se destinavam ás derrubadas de matas em S. Paulo e no Paraná. No principio tinham andado certo numero de leguas e descancado, para que os pés inchassem e desinchassem, a seguir rumavam para o sul em jornadas de dez leguas diarias tal como faziam os homens do rancho. Era diversa a situação das que vinham em caravanas

organizadas por gente, movida pela ambição e capitaneada por alguém que já estivera no sul, e as levou lamentaveis dos que fugiam da sêca e da fome. Os primeiros tinham um esboço de organização; as mulheres, os bens e as vidas, iam garantidos.

As caravanas, que eram enxotadas pelo perigo da morte, só tinham uma norma: o direito do mais forte. Quem tem maior força ou valentia manda. Os fracos ou cobardes são escrâvisados; as mulheres pertencem ao senhor do bando. O trajéto do extremo norte até S. Paulo representa um rosario infinito de dôres, de sacrificios, de iniqüidades, abusos e martirio. Aquela gente nada possui, nem bens, nem meios de vir a obter-os graças a um officio ou conhecimento qualquer. Chegam até a não dispôr dos braços tal a quantidade de mazelas que os molestam. Muitos da caravana não sabem o que é uma casa de tijolos, utensilio embora rudimentar de lavoura, padre, igreja, par de sapatos. Entre eles ha senhores e escravos.

De uma feita o director da hospedaria de Imigrantes do Brás, perguntou a certo matuto porque se deixava dominar por outro, por que razão consentia em ser despojado sem protesto nem velêdade de defeza. A resposta foi simples: "Vancê me garante da faca dele? Si não garante prefiro ficá ansim mêmô".

Atravez dificuldades sem nome eles vêm a pé desde o lugarejo natal até a Baía, onde embarcam em imundas alvarengas que os levam pelo S. Francisco á Pirapóra. Chegam esqueléticos de tantas provações, morrem pelo caminho, enlouquecem. Para se manterem, trabalham aqui e acolá a troco de níqueis ou de miseravel alimentação. Causa espanto que, no lugar perdido onde nasceram, conheçam o nome de S. Paulo, e que no percurso não desanimem ante tanta dificuldade. Chegados refazem-se em pouco, fortificam-se e civilizam-se. Assombram pela destreza com que abatem florestas virgens e resistem a tudo, ás maleitas, ás aguas salobras, á má alimentação. Houve o caso de um matuto que creano aprender a ler, a guiar automovel, e aparecer nas ruas de S. Paulo no seu carro de aluguel — que pagava em prestações — dois anos depois de chegar numa leva de imigrantes analfabêtos, sem outro meio de vida do que os braços. Do mesmo módo, ainda mais facilmente, a caboclada que chegou com fome e com os pés sangrentos aparece seis mezes depois com rouge nos labios e meias de sêda no Jardim Publico.

(Continua)

## BRASILIANA

## III

## ATTITUDE

De uma correspondência de Santos para o Diário Nacional de S. Paulo, n. de 2-6-1928:

"Circunstancia curiosa! Mau grado as enormes proporções que assumiu a ventania, fazendo lembrar um verdadeiro simoum, o Monte Serrat permaneceu impassível. Dir-se-la que elle só pretende cahir numa noite tranquilla, enluarada, chela de estrellas.

Não deixa de ser interessante essa attitude fleugmatica, britannica, do Monte Serrat."

## MÚSICA

Anúncio publicado no Diário Popular de S. Paulo (1928):

"A CRUZ DA TUA SEPULTURA ENCERRA UM MYSTERIO. — Valsa com letra; foi escripta junto a uma campã. Vende-se á rua do Theatro, 26."

## CIVISMO

De uma correspondência de Tietê para o Diário Nacional de S. Paulo, n. de 3-5-1928:

"Em dias da semana passada, uma caravana do P. R. P., composta de alguns membros do directorio e de Antonio Malagueta, cidadão lusitano, dirigiu-se com destino ao bairro do Mato Dentro, na doce illusão de encontrarem algum Joaquim Silverio.

Lá, o sr. Luiz Gervonetti, que é membro influente do Partido Democratico, recebeu-os com altivez e depois de lhes dar algumas lições de lealdade e de civismo, offereceu o livro de Affonso Celso "Porque me ufano do meu paiz".

Será que esses pretensos imitadores de Paulo de Tarso continuam com as suas caravanas?"

## FILIAÇÃO

AVISO AO PUBLICO publicado na secção livre da Folha da Noite de S. Paulo, n. de 6-9-1927:

"A firma do "Ao Café Moka", del Moro & Cia., não se responsabiliza de dividas feitas por seu filho Attilio Del Moro. — Subscrevo-me, Nicolau Del Moro."

## LITERATURA COMERCIAL

De um anúncio publicado no diário A Manhã do Rio, n. de 13-11-1927:

"Venci... ou não venci?"

Venci, sim, pelo meu esforço e pela minha honestidade.

Salve 8 de novembro!

E por isso a, CASA MATHIAS festejou mais um feliz anniversario.

Ha muita gente que encabula com o 13. Pois, amigos, cábula não péga. Só péga nos cabulosos, que andam mesmo pesados, bufando ao peso da "Zizinha"... O dia 8 foi um grande dia para a gloriosa CASA MATHIAS que completou o seu 13.º anniversario. Treze annos de lutas e de bons negocios.

Lembram-se Vocês, oh! Lanfranhudos, Lambões e Pategos cabulosos, lembram-se Vocês do que diziam em 1914, quando o Mathias, pobre e humilde, veiu abrir a sua casa de negocio? Por certo que se lembram. Entre cusparadas esverdeadas de inveja, aos saltos, e com risos de maltezes, Vocês disseram: — qual! Este não vae lá das pernas... — Dentro de mezes estará fallido... — Vae dar com os burros n'agua... — Pedirá concordata no fim do mez... — Vae dar um "tiro" na praça...

Assim fallavam os invejosos e attrazados. Novas burras de Balaão, queriam adivinhar o futuro! Oh! Zizinhas estragadas! O Mathias não morreu! Tem os ossos duros!

Mas, apesar de tudo, eu venci. Trabalhei, lutei, esforcei-me e, graças aos meus methodos de commerciar e á minha honestidade, fui para a frente, venci todos os obstaculos e, para maior inveja dos invejosos, o Mathias tem hoje um dos mais frequentados estabelecimentos do seu genero no Rio, não deve nada a ninguem e tem muito dinheiro na burra...

Os invejosos devem se estar comendo. Comidas, minha gente!... Mas é melhor deixar esse pessoal engulir-se sózinho. E' coisa tão ruim!

Para commemorar essa data vamos offerecer aos bons amigos uma novidade: é o BANQUETE SECCO, com todos os accepipes e pertences: Ficam todos á roda da mesa, nas respectivas cadeiras, mas comidas... "no hay"!"

## FATALIDADE

— Sabes, Nanoca? Zé de Chanoca casou-se!

— O que é, mulher de Deus! tão bandoleiro!!

— Sinsinhora... E o turumdumdum foi feio!...

— Cala a tua bocca creatura... lá vem o homem.

— Hó-hó... que geito!

— Mas homem de Deus, como foi isso?!

— Ora lá como foi isso... tudo tem seu dia.

— Anh!... nem todo cão é sem dono, Zé de

Chanoca...

Nem todo cão é sem dono!

— Mas Zé de Chanoca

Conta-me lá como se deu este successo...

— "Eu vou contar meu casamento como foi:

Amarrado pelo pé

Inquirido como um boi!

Amarrado pelo pé

Inquirido como um boi"!...

(RECIFE)

JAYME GRIZ

## A REVISTA DE

## ANTROPOFAGIA

PEDE A' GENTE NOVA DAQUI E

DE FORA:

COLABORAÇÃO (PROSA,

POESIA, DESENHO)

ENDEREÇOS (ESCRITORES,

LIVRARIAS, JORNALIS,

REVISTAS, ASSOCIAÇÕES

LITERARIAS).